

Personagens (por ordem de entrada)

Helena
Joãozinho (irmão de Helena)
Mãe (de Joãozinho e Helena)
Doutor Micanço
Homem 1
Homem 2
Bandido 1
Girassol 1
Giroassol 2
Girassol 3
Girassol 4
Dona Eufrosina
Detetive
Policia 1
Policia 2
Pai (de Joãozinho e Helena)
Bandido 2
Moça
Ternura

Cenário:

Casinha (telhado, porta e janela visíveis), cerca lateral de madeira, tendo atrás, pintados sobre madeira recortada ou em fundo que possa ser retirado, girassóis de grande porte.

(Helena e Joãozinho, de uniforme e pasta, voltando do colégio.)

HELENA: E você nem assim toma jeito, não é? Onde é que já se viu? Um menino do seu tamanho, já não é nenhum bebezinho!...

JOÃOZINHO: (Arremedando...) "já não é nenhum bebezinho! E você, pensa que é a tal? Só porque tira medalha acha que pode mandar em mim, é?"

HELENA: Só porque, tiro medalha, não! Você mesmo ouviu D. Eufrosina dizer na hora da distribuição de prêmios: "Você devia ser como sua irmã! Você tem a seu lado um modelo! Por que não o segue?"

JOÃOZINHO: Ah, é? Então vou começar... (Observando e imitando) Primeiro, por o nariz para o alto; depois fazer cara de convencida, de quem é a maior...

HELENA: Olha aqui, seu bobalhão! É melhor ser convencida do que ter o apelido ridículo de Joãozinho "Peteleco", porque não para de mexer com os outros!

MÃE: (Pondo a cabeça pela janela) Ih! Já chegaram brigando outra vez! Vocês não conseguem ficar juntos, como dois irmãos, sem discutir e brigar!

HELENA: É que esse menino, pra variar, ficou de castigo porque foi expulso da sala...

MÃE: Por que, Joãozinho?

HELENA: (Respondendo por ele) - Porque pegou um pedaço de giz...

JOÃOZINHO: Não era pedaço de giz! Era um foguete voador, com ponta bem fina, jato atrás...

HELENA: (Como se ele não estivesse falando)... e jogou na cabeça da professora que estava escrevendo no quadro...

JOÃOZINHO: Não foi na cabeça dela! Joguei no Gelatina, aquele gordo de minha classe, mas deu azar dele afastar pro lado pra ver o quadro bem na hora e o foguete... zuuummm... acertou direto na professora!

MÃE: Tem muita graça, não é? E ainda conta com essa cara! Devia ter vergonha, Joãozinho! Quando eu vou ao colégio só recebo queixas de você: que não para quieto, que mexe com todo mundo, que fala a aula toda, que não dá sossego dois minutos! Já nem tenho mais cara de aparecer lá!...

HELENA: Pois eu, pra compensar, tirei 1º lugar de novo...

MÃE: Está vendo Joãozinho? Sua irmã só me dá prazer! Você devia seguir o exemplo dela! Mas você é o contrário! (Helena faz um gesto de quem diz: viu?) Só me traz aborrecimentos! Às vezes me dá vontade de mandar você ir morar com seu pai. Acho que vou falar com ele e ... (Para, cheirando o ar) Ih, minha carne está queimando! (Entrando) Vão trocando de roupa pra não sujar o uniforme! Joãozinho, quando seu pai vier, você vai ver!

(Helena entra, vitoriosa. Joãozinho senta-se no batente da porta.)

JOÃOZINHO: (Revoltado): Ahn... "Seguir o exemplo"... Eu não sou vagão de trem pra andar seguindo os outros!... Eu sou eu e ela é ela!... Mania de pensar que todo mundo é igual, que um tem de fazer as coisas que o outro faz! Agora deu pra dizer que vai me mandar embora, pra casa de meu pai. Então é que não gosta mais de mim (Comovendo-se), que não se incomoda que eu vá pra longe! Dá vontade de sumir logo, ir pra um lugar em que ninguém fique me chamando de "Peteleco" e lá...

(Interrompe-o um grito)

- Ah! Deve ser aqui!

(É o Doutor Micanço: maleta, guarda-pó branco, cabelos revoltos, óculos na ponta do nariz, ar de cientista que vive no mundo da Lua.)

DOCTOR MICANÇO: Deve ser aqui mesmo! (Caminhando e consultando bússola) Vejamos: o ponto estaria a 5º de latitude e sobre o meridiano que passa pela cidade de Xiquexique. Se meus cálculos estão certos, estou apenas a alguns passos do local exato!

(Passa, sem vê-lo, ao lado de Joãozinho, que se levantara com o grito e que, intrigado, começa a segui-lo na ponta dos pés.)

JOÃOZINHO: Quem é esse cara?!...

(Para de repente e Joãozinho choca-se com ele.)

DOUTOR MICANÇO: Oh! Perdão, caro jovem! É aqui que é aqui?

JOÃOZINHO: Ué, aqui só pode ser aqui! Queria que aqui fosse lá? (De lado) Esse sujeito é doido!

DOUTOR MICANÇO: Se aqui for aqui, então estou no lugar em que crescem os "Pilecantropus oleaginiticus" que coroarão de êxito minha experiência?

JOÃOZINHO: Hein?... É algum bicho que o senhor está procurando, é?

DOUTOR MICANÇO: Bicho? Oh, não!... (De lado) Esquecia-me que estava lidando com um ignorante!...

JOÃOZINHO: Pronto! Lá vem mais um pra me anarquizar!

DOUTOR MICANÇO ("doutoral"): "Pilecantropus oleaginiticus" é o nome de uma qualidade especial daquilo que o vulgo chama de "girassóis". Girassóis, sabe o que é?

JOÃOZINHO: Ah! Falando como gente é lógico que sei... Na minha casa mesmo tem uma porção!

DOUTOR MICANÇO: (Ansioso): Na sua casa!... E onde é sua casa?

JOÃOZINHO: Ali.

DOUTOR MICANÇO: Maravilhoso!! E, diga-me, são amarelos, com miolo marron e bem graúdos, da altura média de uma pessoa?

JOÃOZINHO: São! E daí?

DOUTOR MICANÇO: (Cai de joelhos) Ma-ra-vi-lho-so! Eis compensado o árduo labor de toda uma existência consagrada à pesquisa científica! Serei famoso! Ficarei imortal! Os povos venerarão minha glória e os homens murmurarão meu nome com respeito e unção!

JOÃOZINHO: Ih!... Quer me dizer pra que esse escândalo todo por causa de uns girassóis que ninguém liga e que crescem atrás da cerca que nem mato? Minha mãe já pensou até em mandar cortar!

DR. MICANÇO: (Erguendo-se e limpando o guarda-pó com ar de desprezo e indignação) — Cortar!... Oh, ignorância vulgar!

JOÃOZINHO: Hei, vamos parar por aí! Me chamar de ignorante, vá lá! Mas minha mãe, não!

DR. MICANÇO: Perdão, jovem. Não quis ofender. Vou lhe explicar. É que o pólen dessa planta... Pólen é aquele pozinho que sai da flor...

JOÃOZINHO: Ora, isso eu sei... Fala logo!

DR. MICANÇO: ... o pólen dessa planta tem propriedades especiais e adicionado a um preparado por mim imaginado e que trago em minha maleta pode tornar qualquer coisa invisível!

JOÃOZINHO: O quê?! Tornar invisível? Mas invisível não quer dizer "que ninguém vê?"

DR. MICANÇO: Exatamente!

JOÃOZINHO: E como é que uma coisa pode ficar invisível, sumir assim da vista da gente?

DR. MICANÇO: Simples! Nós só vemos os objetos por causa de sua cor. A diluição instantânea da propriedade física que permite aos objetos absorverem determinadas tonalidades dos raios solares...

JOÃOZINHO: Ih, doutor, chega! Já vi que não vou entender nada mesmo... Me mostra como é.

DR. MICANÇO: Então vamos apanhar um pouco de pólen de "Pilecantropus oleaginiticus".

JOÃOZINHO: Tá ali, ó!

(O Doutor procura e, vendo os girassóis, inclina-se sobre a cerca e apanha algo na flor. Ouve-se um gemido: Ai! - que nenhum dos dois parece perceber.)

DR. MICANÇO: (Voltando): Pronto! Aqui está!... Agora... (Abre a maleta e tira um vidro e um tubo de ensaio enquanto fala) É só misturar em pequena dose, umas 5 miligramas... (Coloca algo no tubo)... derramar o preparado em cima ... (No vidro, algum reagente que desprenda vapores azulados) ... e pronto!

JOÃOZINHO: (Recuando, espantado): Será que este homem é algum bruxo?

DR. MICANÇO: (Para si): Quantos benefícios isto pode trazer! A polícia poderá prender bandidos sem que eles possam reagir! A maldade terá sempre medo de agir! É como se tornássemos viva e presente na mente dos homens a figura dos anjos da guarda que impedem as más ações! (Olhando o tubo contra a luz) Pronto, meu amiguinho! Vamos experimentar! Dê-me algo!

(Joãozinho tira do bolso objetos os mais variados e inesperados, como costuma haver no bolso de menino desta idade. Escolhe um e entrega ao doutor.)

DR. MICANÇO: (Tomando o objeto): Derrama-se o líquido num recipiente... Você tem algum prato ou bacia?

JOÃOZINHO: Espera aí!

Entra em casa correndo. Ouve-se a voz da mãe.

MÃE: Menino! Você ainda está de uniforme! Vá trocar de roupa!

Ele volta com uma vasilha na mão.

DR. MICANÇO: (Que ficara a examinar a reação no tubo): Ótimo! Como eu dizia, derramase o líquido num recipiente... Assim... Imerge-se o objeto e... (Ergue a mão como se segurasse algo no alto)

JOÃOZINHO: (Olhando, estático): Ih! Sumiu!

DOUTOR MICANÇO: Viu agora?

JOÃOZINHO: Puxa! Sumiu, na minha frente! Ficou invisível, é?

DOUTOR MICANÇO: (Ainda com as mãos na mesma posição): Toque-o! Está em minhas mãos! Sumiu para os olhos, mas você pode senti-lo com o tato.

(Joãozinho faz gesto de quem apalpa o objeto e exclama.)

JOÃOZINHO: É mesmo! Está aqui! Legal! Puxa!

(Durante essas falas apareceram em outro ponto dois homens, que ficam observando a cena.)

DOUTOR MICANÇO: A inteligência do homem faz maravilhas, meu caro! Com vontade, esforço e estudo o homem inventou quase tudo que existe!

JOÃOZINHO: É... esse negócio de estudo é que atrapalha tudo... Mas até que eu gostaria de estudar se virasse cientista, nem que fosse maluco também!... Ih! Desculpe, falei sem querer...

DOUTOR MICANÇO: Não faz mal... Também não me apresentei antes: (Curvando-se) Doutor Macário Micanço, às suas ordens.

JOÃOZINHO: (Curvando-se também): Joãozinho Peteleco...

(Os dois homens, de seu lugar.)

1º HOMEM: Doutor Micanço! É ele mesmo!

2º HOMEM: Então aquilo que ele fez não foi mágica! Ele já descobriu mesmo a fórmula da invisibilidade! Vamos...

1º BANDIDO: Espere! Afobação pode por tudo a perder! Vamos esperar uma oportunidade e pegar o Doutor e a maleta!

DR. MICANÇO: (Continuando o que dizia)... e eu vou até lá comunicar minha descoberta. Como seria perigoso ficar andando por aí com minha maleta, vou deixá-la com você.

JOÃOZINHO: Pode deixar. Eu tomo conta.

DOUTOR MICANÇO: Eu não demoro muito. (Sai)

(Joãozinho senta-se, de costas para o lado em que estão os homens.)

JOÃOZINHO: Puxa! Já pensou que gozado... Fazer sumir as coisas... (Imaginando) Zuummmm...! Sumiu! Queria só ver a cara de espanto dos outros... (Pausa) Será que serve para gente também?

(Um dos homens, pé ante pé, aproxima-se por trás.)

JOÃOZINHO: Ficar invisível! Seria ótimo, só para dar um susto nos colegas... na diretora... em Helena... Ela diz que não acredita em fantasmas... Hah!...

(O homem espicha a mão para a maleta, Joãozinho se mexe e ele recua.)

JOÃOZINHO: Puxa! Por falar em fantasmas tive até a impressão de ter um atrás de mim... É melhor ir para dentro...

(Apanha as coisas e fecha a maleta. O homem recua para junto do outro.)

1º BANDIDO: Diabinho! Vai pra dentro de casa e lá vai ser mais difícil pegá-lo! (Saem)

(Joãozinho parado, com o tubo de ensaio nas mãos.)

JOÃOZINHO: E se eu bebesse isso e ficasse invisível?... Ninguém liga pra mim... É como se ninguém me visse, como se eu fosse invisível mesmo... Até mamãe quer me ver longe... Então vou sumir! Pronto! Vou apanhar mais pólen e preparar um pouco desse líquido para mim...

(Apanha o pólen - gemido, que ele não ouve. Fecha a maleta e entra.)

(Piscar da luz. Ao reacender agora se vê que os girassóis são figuras vivas: corpo e pernas vestidos de malha verde; folhas presas aos braços; rosto marrom claro e, em torno do rosto, as pétalas amarelas.)

1º GIRASSOL: Ai! Até agora estou com o nariz doendo por causa daquele doutor maluco que veio raspá-lo! Tirou toda a minha maquiagem!

2º GIRASSOL: Hum! Quando é o beija-flor que fica te namorando nem te incomodas!

3º GIRASSOL: (Espreguiçando-se) Ahn... Estou tão cansada... Está um calor tão grande... Será que o Senhor Vento não vai passar por aqui hoje? É tão gostoso quanto ele chega soprando, trazendo aquele fresquinho bom...

4º GIRASSOL: Eu prefiro Dona Chuva... Quando ela chega de mansinho e começa a jogar aquele chuveirinho na cabeça da gente, eu levanto assim os braços e deixo molhar o rosto até ele ficar cheio de gotinhas d'água...

2º GIRASSOL: É, mas às vezes ela vem furiosa e chega a dar cada lambada de água na gente!...

1º GIRASSOL: Ah, mas isso só quando Dona Ventania vem empurrando... D. Ventania é que é um bocado bruta! Não sei como pode ser mãe de uma menina tão gentil como a Brisa...

VOZ DE JOÃOZINHO: Caramba! Será que eu estou ficando maluco? Flores conversando! Luz azul em ponto próximo a ele, no qual surge uma silhueta feminina:

SILHUETA (Voz off): Mas você já tinha aprendido em suas aulas de Ciências que as plantas e os animais são seres vivos, que têm vida, respiram...

JOÃOZINHO: Bom, mas aí a gente só decora pra fazer prova e nem presta atenção direito...

3º GIRASSOL: Epa! Vocês ouviram alguma coisa?

(Silhueta some.)

4º GIRASSOL: Ouvi a voz de Joãozinho (Procurando) Mas ele não está aqui...

1º GIRASSOL: Eu já ia correndo para o meu lugar! Não gosto de gente. Batem em nós, por brincadeira...

2º GIRASSOL: Quando não nos arrancam do lugar para enfiar em algum jarro...

3º GIRASSOL: Puxa! Você está sempre de mau humor... Pois eu até que gostaria de ser uma florzinha pequena e ir enfeitar o jarro de alguma casa... Ficar lá dentro, vendo o que as pessoas fazem... As pessoas são tão engraçadas!

2º GIRASSOL: Hummm... É o mesmo que na rua... Só fazem bobagens...

(Ouvem-se passos. As flores correm a imobilizar-se.)

GIRASSÓIS: Vem gente!

(Entra um sujeito de chapéu, assoviando. Ouve-se a voz de Joãozinho.)

JOÃOZINHO: É agora que eu vou me divertir!

(O chapéu do homem deve estar amarrado com um fio fino, que será puxado de trás. Quando o homem chegar ao meio da cena, puxá-lo para que caia e, à medida que ele quiser ir apanhá-lo, fazê-lo recuar de suas mãos. Jogo de cena, acompanhado sempre da gargalhada de Joãozinho... O homem olha para todos os lados, benze-se e sai correndo. As risadas permanecem. Os girassóis, sem sair do lugar, continuam a conversa.)

1º GIRASSOL: Que será que foi?

2º GIRASSOL: Acho que já sei... Não se lembra que Joãozinho ia beber aquele líquido para ficar invisível? Deve ter bebido e agora que ninguém pode mais vê-lo está fazendo das suas...

(Entra Helena com D. Eufrosina, senhora vestida à antiga, coque alto, óculos. A ponta de sua saia estará presa de modo a ser levantada ou puxada de trás.)

VOZ DE JOÃOZINHO: Que sorte! Aí vem a Diretora do colégio e Helena. Agora é que essa velha ranzinza vai ver...

DONA EUFROSINA: Pois é, Helena, vou comunicar a sua mãe que se o João fizer mais uma, uma só, eu vou pedir a retirada dele do colégio!

VOZ DE JOÃOZINHO: Velha linguaruda! Cara de chuchu de feira!

DONA EUFROSINA: Helena! Que é isso? O que foi que você disse?!

HELENA: (Assustada): Eu?! Eu não disse nada, D. Eufrosina...

(Sua saia é levantada e puxada.)

DONA EUFROSINA: Menina! Que é isto? Está ficando doida? Me largue!

HELENA: Mas eu... eu não fiz nada!

DONA EUFROSINA: Como não?... Pois se minha saia... Ai!

(Como se lhe fizessem cócegas, querendo falar e ao mesmo tempo sacudindo-se comicamente e rindo sem parar.)

DONA EUFROSINA: Ai!... Menina, pare, pare! Ai... Ai... Ai... Você vai ver! Ai...

HELENA: (Recuando para longe): Mas não sou eu! Eu não sei o que está acontecendo!

VOZ DE JOÃOZINHO: Sou eu, bruxa velha!

DONA EUFROSINA: Helena, me ajude! Tem alguém... alguma coisa me fazendo cócegas... Ai!...

(Helena tenta segurá-la, mas ela continua a sacudir e pular.)

HELENA: Não consigo, Dona Eufrosina!

DONA EUFROSINA: (Endireitando o cabelo e os óculos, já quase caídos): Este lugar está mal assombrado!... Eu... Eu vou chamar a polícia!

(Sai apressada, ainda sacudindo-se toda.)

HELENA (Sozinha, rindo): Até que foi engraçado ver como ela se sacudia toda... Bem feito! Expulsar Joãozinho do colégio... Ah, essa, não!

VOZ DE JOÃOZINHO: É...? E você, que só fica me chamando de Peteleco... E exibindo suas notas e suas medalhas...

HELENA: Mas não é melhor tirar medalha em vez de papai e mamãe brigarem com você por causa de suas notas? Já pensou se ela agora expulsar você do colégio? Meu Deus, aí mesmo é que eles... Ué, mas... Joãozinho, onde é que você está?

VOZ DE JOÃOZINHO: Aqui!

HELENA: Aqui, onde? Joãozinho, não vai dizer que foi você que se escondeu e fez a velha...

VOZ DE JOÃOZINHO: Não escondi nada! Estou aqui, a seu lado, sua boba!

HELENA: (Pula como se tivesse sido tocada) Ai!...Onde, Joãozinho?

VOZ DE JOÃOZINHO: Aqui, olha!

HELENA: (novo pulo): Meu Deus! Joãozinho... Joãozinho virou fantasma! Mamãe! Mamãeaaa! (Entra correndo)

VOZ DE JOÃOZINHO: (Risada): Ah, ah, vivia dizendo que não acreditava em fantasma!...

(Mãe entra trazendo nas mãos um cobertor que sacode e joga sobre a cerca.)

MÃE: Você está é sonhando...

HELENA: Não, mãe... Eu ouvi mesmo, tenho certeza: ele falou comigo!

MÃE: Impossível!

HELENA: E se ele... E se ele morreu, mãe! Você ontem disse que ele ir mandar ele embora, pra casa de papai! E depois disso ele sumiu, não apareceu mais!

MÃE: Deve ter ido pra casa de sua avó, como costuma. Hoje é sábado, não há aula. Ele sempre sai cedo pra brincar. (Sai)

HELENA: Pra casa da vovó... Sei não... Acho que não... Ai, meu Deus!

(Novamente, de outro ponto, o foco de luz azulado com a silhueta e a voz.)

VOZ FEMININA: Por que será que ela está tão nervosa, hein, Joãozinho?

VOZ DE JOÃOZINHO: Sei lá! Vive implicando comigo e agora... Eu, hein!

HELENA: Ih! A Diretora! (entrando) Mãe!...

(Entram D. Eufrosina, o homem do chapéu, um detetive de paletó riscado, boné, lente, livro na mão e dois policiais.)

DONA EUFROSINA: Foi aqui, Snr. Detetive... Aqui mesmo!

HOMEM: Comigo também... Arrancaram meu chapéu e davam risadas... Como lhe disse...

DETETIVE: Não se preocupem! Não se preocupem! Eu, Apolinário Teodolino Agamenides da Silva, jamais falhei! Deixem-me ver... (Consulta o livro) Primeiro: tirar impressões digitais... (Os outros o observam) Impressões digitais! Muito bem! Mas... (Para, quase na boca da cena, indeciso) Mas... impressões digitais de quem?

VOZ DE JOÃOZINHO: Minhas!

DETETIVE: (Voltando-se para o Homem): Suas? Mas, por que as suas?

HOMEM: Eu não disse nada!

DETETIVE: Aah! Vai querer que eu acredite que foi o tal "fantasma"...

(Mal acaba de falar, sacode-se como se tivesse levado uma palmada. A figura mais próxima dele é D. Eufrosina, para quem ele se volta, irritado.)

DETETIVE: Minha senhora, na sua idade essas brincadeiras não ficam bem! São inconcebíveis, mesmo!

DONA EUFROSINA: (Chocada): Oh...! Mas o senhor pensa que ...! Fique sabendo que, apesar de não ter muita idade, jamais me permitiria tomar liberdades com um cavalheiro! (Sacudidela.) Oh!... Snr. Policial! (Que é o mais próximo) Eu não admito!

POLICIAL: Eu?!... Está maluca? Quem gosta de velho é reumatismo! (É empurrado pra frente e vira-se para o homem, perto dele). O senhor está preso por desrespeito à autoridade!

HOMEM: (Assustado) O fantasma...! Deve ser ele, o fantasma!

OUTRO POLICIAL: É melhor fugirmos!

DONA EUFROSINA: É melhor!

(Saem todos correndo precipitadamente e esbarram-se, aturdidos. Helena e a mãe, que observavam a cena, intrigadas, tentam detê-los, mas são empurradas pelos outros. O detetive grita e pede calma, mas age como se estivesse sendo empurrado, até chocar-se com D. Eufrosina, abraçando-se a ela, que solta um "Oh", endireita os óculos, mas, ao virar-se para sair, choca-se novamente com o homem, etc. Enfim, cena movimentada, de confusão e correria.)

DETETIVE: (Esbaforido, já quase saindo de cena): Eu... eu... não estou com medo, não!... Vou apenas... buscar reforços!

(Os outros finalmente conseguem sair, afobados, atrás dele.)

MÃE: O que será que está acontecendo?... Helena, vá procurar o Joãozinho! Vou ligar pra seu pai pra ver o que há!

(Saem. Na cena, ora vazia, os girassóis retomam sua conversa.)

1º GIRASSOL: Você viu?

3º GIRASSOL: Até que estava engraçado! A velha se sacudindo... (Imita) Ah, ah, ah...

4º GIRASSOL: Então é que o menino está invisível mesmo!

2º GIRASSOL: É... mas, já pensou se ele não ficar mais visível de novo? Se ele ficar assim, feito fantasma, pro resto da vida?

VOZ DE JOÃOZINHO: Ficar invisível pro resto da vida? Epa!

1º GIRASSOL: Seria horrível!

VOZ DE JOÃOZINHO: Será que...? Essa, não!

GIRASSÓIS: (Endireitam-se): Olha, aí vêm os pais dele!

(Pai e Mãe entram.)

MÃE: E eu agora estou aflita mesmo! Será que aconteceu alguma coisa com esse menino? Vai ver Helena tem razão! Eu fico ameaçando mandá-lo embora, ele deve ter pensado que era verdade e fez alguma coisa!

PAI: Calma... calma... Joãozinho é levado, mas é um bom menino. Não faria nada de mal...

MÃE: Mas... e se aconteceu alguma coisa com ele?

PAI: Não aconteceu nada, não!

MÃE: Não sei... Tenho medo... Está tudo tão esquisito!

HELENA: (Entrando, ofegante): Procurei por toda parte... Ninguém viu Joãozinho!... Fui até o rio... Falei com Bolão, Gelatina e com os meninos todos... Ninguém sabe dele!

MÃE: Meu Deus! Está vendo? Aconteceu alguma coisa com ele! Pra que é que eu fico brigando com ele, falando sem pensar!

PAI: (Preocupado): Vou eu mesmo procurar. Fique calma, que nós vamos encontrá-lo...

HELENA: Posso ir com você, pai?

PAI: Venha!

(Saem.)

VOZ DE JOÃOZINHO: Mãe, não chore...

MÃE: Se eu perder meu filho... eu fico louca!

VOZ DE JOÃOZINHO: Mas eu estou aqui... a seu lado...

MÃE: Fico até escutado a voz dele... (Chorando): Minha Nossa Senhora! Fazer que eu ache meu filho! Eu prometo que não brigo mais com ele! Prometo ter paciência!... Prometo...

VOZ DE JOÃOZINHO: (Comovido) Mãe!...

MÃE: Não paro de ouvir a voz dele me chamando... É melhor ir tomar um calmante enquanto espero a polícia e João chegar da cidade com Helena... (Sai).

VOZ DE JOÃOZINHO: E agora...! Pra que é que eu fui inventar de ficar invisível? E se não conseguir mais ficar visível de novo? E se ficar a vida toda sem meu pai e minha mãe! Ih! O que é que eu vou fazer?

(Breve corte de luz. Ao reacender, os girassóis são novamente cenário. Cobertor sobre a cerca, ainda. Joãozinho deve estar atrás dele para preparar o que se segue. Os dois homens de antes, que agora veremos serem bandidos, em cena.)

1º BANDIDO: Já procurei por toda parte! O menino deve ter escondido a maleta em algum canto!

2º BANDIDO: Não podemos ficar muito tempo lá dentro! A mãe dele já está dormindo por causa do calmante que tomou, mas pode acordar e chamar alguém.

1º BANDIDO: Onde será que aquele diabinho meteu a maleta?

VOZ DE JOÃOZINHO: Diabinho, é? Já estou danado da vida e agora você vai ver!

2º BANDIDO: Ai!

1º BANDIDO: Que foi?

2º BANDIDO: Levei um tapa!

1º BANDIDO: Ai! (Pulo) Então me dando caneladas!

2º BANDIDO: Deve ser o menino! Vamos pegá-lo!

(Fazem gestos de quem quer agarrar algo em torno, mas só se esbarram e pulam, como que agredidos.)

VOZ DE JOÃOZINHO: Meu pai já deve estar chegando com a polícia e aí vocês vão ver! Entra o Doutor, distraído, falando sozinho. Os bandidos se lançam sobre ele.

DOUTOR: Ahn...? Quem são vocês?

1º BANDIDO: Somos da quadrinha de Al Capote e queremos seu segredo!...

DOUTOR: Meu segredo? Por que?

2º BANDIDO: Sendo invisíveis, vamos poder roubar, matar e fazer espionagem sem que ninguém nos pegue! Ficaremos milionários sem correr perigo!

DOUTOR: É o que eu estava pensando... Minha fórmula pode trazer também muito mal... Pode ser usada para outros fins que não pensei...

2º BANDIDO: (Segurando-o sem que ele reaja): E agora... é tarde para pensar!

VOZ DE JOÃOZINHO: Fuja, Doutor!

(Os bandidos fazem gestos de empurrados e sacudidos.)

BANDIDOS: Oh! Pestinha!

(Enquanto "lutam", entra o Detetive, percorrendo o chão com a lente, seguido de dois policiais.)

DETETIVE: Procurar pistas... Prender todos os tipos suspeitos... (Ergue os olhos e dá com os três) Tipos suspeitos! Ahhah! Quem são vocês?

1º BANDIDO: (Ar humilde): Nós... somos dois amigos da polícia!

2º BANDIDO: (Segura o Doutor): E estamos prendendo este homem, que é um perigoso bandido!

DETETIVE: Amigos da polícia, vocês...?

VOZ DE JOÃOZINHO: Mentira! São bandidos!

DETETIVE: São bandidos...? Vocês são bandidos?

1º BANDIDO: Nós...? Nunca! Que injustiça! (Aponta o Doutor) Ele é que é bandido!

DETETIVE: (Para os policiais): Então prendam este bandido!

VOZ DE JOÃOZINHO: Não!

DOUTOR MICANÇO: Seria um erro! Os bandidos são eles!

DETETIVE: São eles? Então prendam esses dois!

1º BANDIDO: Estão querendo enganar V. Excia!

2º BANDIDO: Não vê logo? Estes cabelos descabelados, esse... esse guarda-pó só de disfarce... esse jeito fingido de inocente...!

DETETIVE: Realmente... É claro, evidente... Vi logo! Prendam esse homem!

VOZ DE JOÃOZINHO: Parem! Ele é o Dr. Micanço, cientista!

BANDIDOS: Que cientista, o que!

VOZ DE JOÃOZINHO: Prenda aqueles dois!

1º POLICIAL: Afinal, quem é que nós temos que prender?

BANDIDOS: Ele!

DOUTOR MICANÇO: Eles!

DETETIVE: (Atordoado) Cientista...? Quem é cientista aqui?

DOUTOR MICANÇO: Eu. Sou o Dr. Macário Micanço, cientista. Estes dois são elementos perigosos, da quadrilha de Al Capote e queriam roubar uma fórmula que inventei para...

DETETIVE: (Interrompe-o, deslumbrado): Da quadrilha de Al Capote, que há tanto tempo me desafia! OH!... (Para eles). Vocês pensam que alguém engana Apolinário Teodolindo Agamenides da Silva? Soldados, prendam esses dois!

(Os dois tentam fugir, faz-se um corre-corre, do qual o Detetive se mantém sempre cautelosamente distante, mas são presos.)

DETETIVE: Da quadrilha de Al Capote! Presos!... Serei promovido! E todos louvarão o heroísmo com que me defrontei com os bandidos, lutando com eles, sem medo!

(Neste momento um dos bandidos dá um pulo para tentar livrar-se e ele recua rápido, assustado.)

DETETIVE: Segura ele bem! (Certificando-se de que está seguro, volta-se para o doutor, majestoso): Doutor, queira ter a bondade de me acompanhar à delegacia para prestar seu depoimento, a fim de encarcerarmos definitivamente estes dois inimigos da ordem e da moralidade pública!

DOUTOR MICANÇO: Pois não...

(Saem todos.)

VOZ DE JOÃOZINHO: E eu...? Nessa confusão levaram o Doutor e eu nem perguntei como é que faço pra ser visível de novo! O melhor é ir também até a delegacia!

(Neste momento, no mesmo foco azulado, e agora maior, surge uma moça, de vestido leve e claro, sem adornos ou fantasias, mas com certa suavidade na aparência. Não é "fada", embora sua presença lembrasse talvez uma. Ao entrar, Joãozinho está dizendo as últimas palavras e ela faz um gesto de quem é esbarrada por alguém a quem "segura" pelos ombros.)

MOÇA: Calma, Joãozinho. Onde é que você vai tão afobado? Quase me derruba...

VOZ DE JOÃOZINHO: Vou à delegacia para... Hei! Como é que você sabe que sou eu, se não está me vendo?

MOÇA: (Sorrindo): E quem disse que não estou vendo você?

VOZ DE JOÃOZINHO: Porque eu estou invisível...

MOÇA: Não para mim, que vejo todas as coisas.

VOZ DE JOÃOZINHO: (Afobado): Ih!... Então... Nossa! Espere! Tenho que me vestir! Eu tinha pouco líquido e não deu para molhar minha roupa! Eu tenho que achar alguma coisa pra me cobrir!... Ah! Isto serve!

(O cobertor atrás do qual Joãozinho está na realidade é por este erguido, formando um "biombo".)

MOÇA: Não se afobe, Joãozinho... O líquido que você bebeu só faz efeito durante 12 horas, isto é, metade de um dia. Dentro de alguns minutos você estará visível de novo.

VOZ DE JOÃOZINHO: Oh! Que bom!... Mas... mas eu estou nu!

MOÇA: (Rindo): Não faz mal. Mas se quiser eu vou buscar sua roupa.

(Entra na casa. Depois de uma pausa, a cabeça de Joãozinho vai aparecendo por cima do cobertor.)

JOÃOZINHO: Será que eu estou mesmo ficando visível de novo? (Para a plateia) Hei, vocês aí, estão me vendo? (À resposta) Puxa! Então é verdade! A moça retorna e dá-lhe a roupa por cima do cobertor.

JOÃOZINHO: Mas por que você vê todas as coisas? É fada, é?

MOÇA: Não.

JOÃOZINHO: Então é professora?

MOÇA: Também não. Meu nome é Ternura.

JOÃOZINHO: Ternura...? Era você que estava falando comigo? Aquela voz...?

MOÇA: É. Sou quem lembra às pessoas que as coisas mais importantes nem sempre são as que a gente vê, e sim o que está atrás e os olhos não enxergam...

JOÃOZINHO: Puxa, D.Ternura, é isto mesmo!

TERNURA: ... e a gente só percebe quando procura ver com os olhos do coração.

JOÃOZINHO: (Aparecendo por inteiro) Você sabe que comigo aconteceu isso mesmo? Vi tanta coisa que não via antes! Vi plantas conversando, se mexendo que nem gente... Aproxima-se delas para olhá-las mais de perto de novo.

TERNURA: Mas quando você vem o colégio no caminho às vezes sai arrancando as folhas delas à toa, e jogando no chão, onde vão ser pisadas...

JOÃOZINHO: É mesmo... Helena bem que dizia ...

(Helena surge atrás, ar diferente, mostrando a nova visão dele. Ele fala olhando para ela.)

JOÃOZINHO: Helena... Sabe que Helena... Helena estava quase chorando, quando eu sumi... Eu pensei que ela não gostava de mim... Fiquei até espantado... (Pausa) Minha mãe também, sabe? Aquele negócio de me mandar embora era só tapeação...É porque ela... (Devagar, olhando a nova imagem da mãe, do outro lado) ela tem medo... (Tentando elaborar sua ideia, como para si mesmo). Eu descobri uma coisa gozada: gente grande também tem medo... Eu achava que quando a gente é pequeno é que tem medo, do escuro, de bichos, de uma porção de coisas, e pensava que gente grande sabia tudo, fazia tudo e não tinha medo de nada... Mas quando acontece uma coisa que eles não sabem explicar, como o meu caso...

TERNURA: ... eles também têm medo, chegam até a fazer bobagens, porque não sabem o que fazer e não querem mostrar que estão com medo, não é?

JOÃOZINHO: É... (Reagindo de repente) Bom, mas isso não é com todos, não, D. Eufrosina, aquela velha ranzinza, é má mesmo...

TERNURA: Tem certeza, Joãozinho? Ou vamos procurar o invisível nela? E se ela é assim porque tem medo...

JOÃOZINHO: Medo? De que?... Só se for de ver a cara dela no espelho!

TERNURA: Não, Joãozinho... Medo de que você descubra que ela não passa de uma velha solitária, sem filhos, sem família, sem carinho... (Imagem de D. Eufrosina, dentro da nova descrição e visão) Que à noite, quando você está em casa, alegre, com seus pais, ela está em seu quarto, sozinha, podendo ficar doente ou até morrer sem ninguém para cuidar dela... Medo de que se ela não fizer aquela cara feia, vocês vejam que ela é uma mulher fraca, que não saberia o que fazer se toda uma turma de alunos começasse a gritar ou a fazer confusão... É uma infeliz que sofre porque ninguém gosta dela e só chegam perto dela para fazer caçoadas...

(O rosto de Joãozinho se descontraindo, a olhá-la, enquanto a Ternura fala.)

JOÃOZINHO: É, D. Ternura, você ganhou... (Pausa) Coitada da velha!

TERNURA: E você verá muita coisa mais, Joãozinho, se aprender a olhar com carinho, a não ver só a imagem, a aparência, mas olhar o invisível, o que está atrás e os olhos não vêem, mas o coração percebe...

(A mãe aparece na porta.)

MÃE: Joãozinho! (Corre a abraçá-lo e beijá-lo) Meu filho! Que susto nos deu! Pensei que não encontraria mais você!

JOÃOZINHO: (Comovido): Eu nunca ficaria longe de você, mamãe... Eu sei que, mesmo que às vezes zangue comigo, você gosta muito de mim.

(Ternura se afasta para o lado suavemente, sem ser notada.)

MÃE: Hein?... Nem parece o meu "Peteleco" falando!...

(Entram o pai e Helena e correm a abraçá-lo.)

HELENA: Joãozinho! Onde é que você esteve? Que foi que aconteceu?

JOÃOZINHO: O que me aconteceu? Uma porção de coisas... Vi tanta coisa que não via antes...

HELENA: Onde? E como? Você está diferente!

PAI: É mesmo! Qual é seu segredo?

JOÃOZINHO: Meu segredo? Só eu e D. Ternura sabemos... Uê, cadê ela?

MÃE: Ela quem, Joãozinho?

JOÃOZINHO: Também está invisível... Mas aprendi o que ela mostra: não olhar só com os olhos, só o que as coisas parecem, ver também com o coração... o que elas são de verdade.

PAI: Eh... Você mudou, mesmo!

HELENA: (Pra si): Qual será o seu segredo?

JOÃOZINHO: (Para a plateia): Meu segredo... Eu sei... E vocês também sabem, não é?

MÃE: Então vamos esquecer todo esse susto... e vamos almoçar!

JOÃOZINHO: Vamos, que eu estou roxo de fome!

F I M

Obs.

Este texto foi retirado do site do CBTIJ - Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude. Lembramos que qualquer montagem, profissional ou amadora, desse texto, requer a autorização do autor, ou da entidade detentora de seus direitos autorais.

Contato da Autora: mhkuhner@yahoo.com.br

Contato CBTIJ: cbtij@cbtij.org.br

Informações sobre a texto:

Prêmio no Concurso Nacional do CAD
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - 1965

Esta foi a primeira peça escrita pela Autora. A primeira montagem teve direção de Nair Miorin Paiva e estreou no Teatro São Pedro, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 1965.

Texto de Luiz Paiva de Castro, escritor e psicanalista:

“Mesmo em ação e movimentação cênica ainda convencional (bem e mal, cientistas, bandidos) há nítidas correlações com aspectos mais profundos do desenvolvimento infantil: Joãozinho, sentindo-se rejeitado, fica invisível, capaz de se criar pela própria fantasia e de enfrentar a realidade ameaçadora. Deixando o lado invisível da fantasia limitado em doze horas, a autora funde o externo e o interno em uma mesma busca. O poder da fantasia tem seu limite na própria realidade, precisa da realidade para existir, não é um moto contínuo, uma projeção inconsciente e eterna, que geraria a onipotência, a fantasia de poder inesgotável.”

“Avançando numa linguagem acessível ao mundo infantil e adolescente, à criança que permanece nos adultos, a peça consegue, sem tirar as crianças de seus brinquedos e fantasias, fazê-las sentir e pensar, sem modelos de fora para dentro, sobre problemas que adiante terão que enfrentar, e que poderão enfrentar se conseguirem guardar dentro de si mesmas seu espaço pessoal, tão vinculado, no início, ao poder de suas próprias fantasias.”